

A ARTE COMO AMPLIAÇÃO DO CAMPO DE CONSCIÊNCIA

Ideo Bava

“Para mim, a arte tornou-se, cada vez mais, a manifestação do espírito pentecostal, buscando conscientizar os homens de uma realidade mais ampla e produz, em meio ao nosso ser, a semente de um futuro maior; e é, a partir deste elemento, que derivamos nossas noções de significado e relacionamento. William Blake considerava a arte como uma espécie de espelho mágico que torna visível o invisível, dentro de nós e da vida do nosso tempo sendo também um instrumento para transformar as coisas mais antigas do espírito humano em algo contemporâneo e novo. Fonte infalível de crescimento da consciência humana, possibilitando à vida auto-renovar-se para alcançar expressões maiores e mais adequadas a si mesma. Sem arte, não poderia haver verdade integral”. (Laurens van der Post).

A par do espírito científico e da sabedoria acadêmica, entramos num espaço de mistério, ao constatar que, uma vez ativados e desde que aptos seus órgãos, os cinco sentidos promovem, através dos feixes nervosos, reações em cadeia até o cérebro - ida e volta do tão negado, mas sagrado, corpo humano.

No contato com os objetos exteriores e interiores, o processo energético “realidade-sentidos” sempre resulta numa sensação, a qual, por sua vez, transformar-se-á, ou não, numa percepção, conforme esteja “despertada” uma consciência que queira acolhê-la. As sensações só se transformam em percepções no campo da consciência desperta e atenta.

O mistério aumenta quando se aprende que o despertar da consciência é motivado pela intensidade aplicada e pela repetição dos próprios

processos realidade-sentidos-sensação, implicando o espaço-tempo da memória.

Em atenção ao espírito científico ao qual estamos disciplinados, quero me referir, ao considerar “sensação”, a qualquer experiência provocada no sistema nervoso, analisada ou não pela introspecção da consciência. A sensação é registrada fisiologicamente, em qualquer das duas hipóteses. Já a “percepção” é o ato de nos darmos conta dos objetos, suas qualidades, relacionando-as entre si e conosco (razão), como também com nossas experiências anteriores (memória). A percepção comporta uma ou várias sensações, que, se realizando no campo da consciência, fazem-nos refletir sobre elas, sobre o novo e o que de novo nos apresentam os nossos sentidos. Em síntese, é graças à consciência atenta que a sensação se transforma em percepção.

Pretendi fazer a distinção entre sensação e percepção, apesar de Jung tratá-las como sinônimos ao relacioná-las às funções. Mas, ao fazê-lo, é só como palavras, pois envolve em seu contexto, sempre, consciência, embora não razão. Para Jung a sensação-percepção não é uma função racional.

Expostas essas preliminares, com as ressalvas de praxe, especialmente de quem não está lidando com nomenclaturas habituais, vou voltar minha atenção ao processo de desenvolvimento do potencial individual: à capacidade de os sentidos despertarem e ampliarem o campo da consciência.

Do momento em que se considere educação como o cuidado com esses processos realidade-sentidos-sensação-percepção, não há como não valorizar educação dos sentidos, ou pelos sentidos.

Não haverá impropriedade quando afirmo que vivemos no despreparo naquilo que diz respeito à essa valorização: não somos atentos aos processos que estimulam o aprendizado visando uma consciência disponível e afeita às sensações, e às suas elaborações. Qualquer trabalho neste

sentido acaba na pré-escola.

Começamos não atentos nem às nossas sensações essenciais, então, como distingui-las no turbilhão sensorial de solicitações ininterruptas de cada minuto de nossas vidas ?!?

Os nossos sentidos estão sendo constantemente ativados, quer queiramos ou não, estejamos atentos ou não, por essa vida rica e sensível, constantemente nos ultrapassando e a qual estamos perdendo.

Pais e professores preocupam-se em corrigir deficiências de visão, audição ou fala, da mesma maneira que encaminham as necessidades de correções de problemas físico-motores, consultando e contratando profissionais especializados. Também são levados a soluções específicas as necessidades neuro-motoras e emocionais. Embora realizando que nesses casos, apesar da gravidade, existem os preconceitos, e as dificuldades sócio-econômicas que dificultam atendimentos e soluções. Contudo, visando um desenvolvimento sensório-emocional harmonioso, as metodologias, conscientes da interação dos sentidos com a sensação e a percepção e sua integração nos processos corretivos, estão longe de ser utilizadas, pois escapam mesmo aos profissionais especializados envolvidos.

A situação tornar-se-á ainda mais aguda quando, no quadro, quisermos atentar ao fazer. Tudo o que fazemos — e sempre estamos fazendo (!) — envolve o tato e, existencialmente, todos os impulsos de comunicação: olhares, sons, falas, posturas atitudes... diríamos — numa amplificação maior — tudo o que fazemos tende sempre ao gesto criativo, que envolve todos os sentidos... então, como trabalhar essa integração?!?

...não será, apenas, sobre a consciência das sensações, mas em cima dos próprios órgãos captadores das sensações... e a consciência deles na percepção, como ato de perceber.

Essa educação primordial, a cada momento não só na pré-escola,

tem como proposta que a percepção seja, quão possível for, adequada à realidade. Todo gesto criativo depende desses desenvolvimentos dos processos perceptivos. Ressalte-se, ainda, que a percepção é a matéria primeira de todo fazer artístico.

Ao longo de nossas vivências, sabemos de acontecimentos isolados de uma natural atenção, verdadeiras revelações ou impulsos irresistíveis nas vocações artísticas, mas são exceções; e em toda exceção, sobra muita insegurança desnecessária, mesmo inconfessa... todos artistas estão sempre questionando sua autenticidade, sua originalidade e acabam ficando à mercê dos modismos... e... de suas inseguranças infelizes.

Dever-se-ia dar atenção para um trabalho conjunto família-escola, complementado e orientado pelos profissionais que se propuseram e se prepararam para exercer as funções complementares necessárias a que foram chamados.

Sem estarmos atentos, nada de novo acontece em nosso interior. Se não nos dermos conta, nada teremos a elaborar e muito menos o que comunicar. Por outro lado, as vivências, sentidos-sensações-percepções, se relacionadas, criam, em nosso limiar consciente-inconsciente, situações arquetípicas, de onde se originam nossos sonhos, as nossas obras de artistas e a linguagem a ser comunicada.

“Em sentido estrito, o sonho constitui-se pelo desenrolar de cenas e conteúdos imagéticos ocorrendo durante o sono. Mantém qualidade dramática em que a trama se desenvolve através de protagonistas representados por objetos, animais, pessoas, figuras geralmente articuladas entre si, segundo uma lógica flutuando em escala relativamente ampla se confrontada à ordenação do pensamento articulado e dito racional em vigília. Aí se conjugam observação e vivência de dimensões de tempo e espaço abstraídos na maioria das vezes das dimensões de tempo e espaço físicos na vida atual do sonhador, tais como categorizadas pela conceitualização tipicamente ocidental”. (Therezinha Moreira Leite).

Lendo Rubem Alves: *Trabalho como um artista, olho para meus pacientes como lugares misteriosos onde a beleza se esconde em meio a entulhos, meu objetivo é ajudá-los a se perceberem com fragmentos de uma obra-de-arte quebrada a ser restaurada, para que sintam a felicidade suprema de se verem belos.*” de (O quarto do mistério, pg. 80.)

E ainda, estejamos certos de que a nossa comunicação, firmada nos sentidos conscientizados, representará, além de nossa forma exclusiva e pessoal de ser, a consciência de nossa segurança profissional, bem como a garantia mínima de eficácia no trabalho junto àqueles a quem nos propusemos, com nosso cuidado, ajudar.